



José Godoy

é escritor, autor de *As dicas do sr. Alceu*, e um dos âncoras do programa *Fim de Expediente*, da Rádio CBN

T Amores intensos na Rússia e América

— Todo escritor, independentemente do calibre de sua escrita, já foi abordado, ao menos uma vez, com a frase: "Tenho uma boa história pra te contar!" E, a não ser que seu interlocutor lhe conte algo que supere toda e qualquer expectativa, ou, se num acaso mirabolante, este faça parte do restrito panteão de pessoas "biografáveis", o mais comum é que o relato passe, à velocidade da luz, pelo cérebro do escriba, finalizando seus dias no manancial de idéias-comuns que assolam nosso mundo contemporâneo.

Porém, a uma questão tão freqüente quanto a anterior nenhum escritor que se preze gosta de responder em detalhes. "Seus livros são inspirados na sua vida?" Feita a um autor, a pergunta atinge simultaneamente as vaidades da trajetória profissional e a intimidade das notas biográficas. Acima de tudo, dá pistas sobre o que resiste como invenção ou como transcrição objetiva de eventos presenciados. Desafia quem vive do ofício da escrita a se questionar sobre a natureza de sua atividade.

Não foram poucos os autores que se dedicaram a embalar o registro ficcional com passagens de sua existência, criando obras no limite dessa separação. Ora oferecendo o próprio nome como identidade do protagonista, como seguidamente Henry Miller o fez, ora explicitando o que se conhecia de sua experiência pregressa nos cenários de suas obras, como nos relatos de Joseph Conrad. O certo é que,

para quem se interessa por respostas, a primeira sensação que se tem é de ser envolto por brumas densas ou de seguir em meio a um espesso nevoeiro.

E é caminhando lentamente, em meio à inóspita paisagem, que passo a investigar a trajetória de dois escritores que há anos despertam minha curiosidade. Afinal, teriam seus livros sido inspirados em sua vida? E retornando ao meu ponto de partida: será que suas histórias eram boas o suficiente para ser contadas? São essas dúvidas que se transformam lentamente nas linhas que se seguem, as quais divido com os leitores de **Legado**.

Meus retratados vêm de épocas diferentes e de países que por muito tempo simbolizaram a oposição mais feroz do século passado. Mas, em mais uma demonstração de que boas histórias não escolhem tempo nem lugar, suas particularidades locais servem como um claro exemplo do que há de universal em cada homem. E, apesar de resumi-las a alguma notas, já aviso de antemão, principalmente aos corações mais sensíveis, que se trata de passagens de início duvidoso e de final trágico.

Foi em Moscou, no final de 1828, que o poeta Aleksandr Púchkin viu num baile a jovem Natália Gontcharova. Púchkin contava na época 29 anos e já havia operado uma verdadeira revolução na literatura russa, criando uma das obras mais notáveis do romantismo europeu. Com esses

Uma pequena investigação nas obras e nas biografias de Púchkin e Fitzgerald nos permitiria responder algo intrigante: afinal, teriam sido seus livros inspirados em suas vidas?

atributos e uma obstinação acelerada pelos notáveis dotes físicos de Natália, pouco tardou em propor-lhe núpcias. Aos 16 anos, a jovem não se mostrou muito atraída pela proposta nem pelos talentos literários do poeta. Com a recusa, Púchkin acabou por se refugiar no Cáucaso, onde a Rússia enfrentava na época o Império Otomano.

Um breve corte para a América do século 20, mais especificamente no final de sua segunda década. É quando o jovem Francis Scott Fitzgerald conhece Zelda Zayre, filha de um juiz do Alabama. A paixão e os seriíssimos propósitos do jovem escritor, licenciado de Princeton em razão do serviço militar, não foram suficientes para conquistar Zelda. E, ainda envolto nas dores da recusa, Scott é destacado para a Primeira Guerra. Por sorte, o conflito foi encerrado antes de seu embarque, mas, depois de concordar com o noivado, Zelda rompe com Scott em 1919, em grande medida pelas incipientes perspectivas profissionais de seu pretendente.

A frustração dos dois escritores acaba se resolvendo de modo similar. Em 1831 Púchkin se casa com Natália depois de retornar a Moscou, enquanto em 1920, após a excelente repercussão de sua estréia literária com *Este lado do paraíso*, Fitzgerald é enfim aceito por Zelda.

Ao contrário do poeta russo, que se une a uma mulher muito mais nova já sendo um autor de destaque em seu país, Fitzgerald se casa no momento em que sua carreira principia. Os anos seguintes fariam dele a voz da geração que se formatava nos anos dourados do pós-guerra americano. E o casal Fitzgerald torna-se, rapidamente, presença constante no que havia de mais excitante na vida boêmia dos melhores endereços de Paris a Nova York.

Ao contrário da glamourosa vida do casal americano, os Púchkin levavam uma vida pacata e um tanto frustrante às ambições sociais de Natália. E, para desconforto do poeta, a beleza da esposa, somada a um relacionamento não mais do que cordial, ganha contornos dramáticos com os boatos de infidelidade que rondam o casal.

O sonho dourado de Scott e Zelda, regado a champanhe e um modo de vida para lá de perulário, passa a desmoronar junto com os símbolos de sua geração, após o crash de 1929. A depressão coletiva dos anos 1930 teria seus capítulos na

vida privada do casal a partir das freqüentes internações de Zelda em sanatórios psiquiátricos, no alcoolismo e depreciação material de Scott. Além disso, o prestígio literário do autor decairia a ponto de ele buscar em Hollywood, sem êxito, uma nova atividade como roteirista.

Púchkin, atormentado pelo ciúme personificado na figura de George Charles D'Anthès, um aristocrata francês que passa a cortejar Natália, acaba cedendo às sugestões de adultério de uma carta anônima: desafia o barão para um duelo, do qual sai com ferimentos que o levam à morte. Natália ainda viria a se casar de novo, provavelmente com um noivo escolhido por Nicolau I, o czar da época, de quem, ao que consta, se tornaria amante.

Mas, enfim, reveladas essas passagens de pinceladas romanescas, quanto delas vazou para as obras desses homens?

Se nos debruçarmos sobre o que Fitzgerald escreveu, veremos que seu período mais fértil é um recorte retirado de sua "década de ouro". Motivo de romances como *O grande Gatsby* ou *Suave é a noite* e dos contos que produziu para as principais revistas do período. É aí que são apresentadas as paixões secretas a alimentar rancores ou a propulsionar fortunas meteóricas. Lá estão os bailes e segredos. Segredos de bastidores e coxias, enquanto a América seguia entorpecida num deleite que parecia sem fim. É o que sobra de Fitzgerald, de seu olhar agudo, de quem espia de dentro, sem se excluir. Que conta o seu tempo, não como testemunha, mas como ator.

Quanto a Púchkin, o que aqui se expôs mais se parece com as passagens de um epílogo. Tendo uma obra já consolidada, sua ligação com a senhorita Gontcharova é o ato final de uma trajetória curta e intensa, em que num mesmo homem o gênio artístico conviveu com a vaidade e a fragilidade afetiva. Mas, ao contrário de seu par americano, na obra de Púchkin o tormento amoroso nos alcança apenas com as promessas de um desejo platônico, não realizado, num poema escrito nos dias de exílio na Geórgia, em que tendo Natália em mente o poeta declara:

"E, sem estorvo/nenhum que entrave tal pesar,/meu coração, de novo em brasa, ama de novo,/porque não pode não amar".

